

# 18

REVISTA  
RECCS  
FORTALEZA  
Nº 9  
P. 18-25  
1997

**Maria Nagela Cavalcante Bandeira**

Mestrado pela Universidade Federal do Ceará - UFC, Professora Assistente do Curso de Enfermagem da Universidade de Fortaleza - UNIFOR, Enfermeira do H.D.E.B.O. - Hospital da Secretaria da Saúde do Município de Fortaleza.

**Lorita Marlena Freitag Pagliuca**

Professora Titular do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará - UFC.

## RELACIONAMENTO DE AUTO-AJUDA COM ALUNOS DA DISCIPLINA DE FUNDAMENTOS DE ENFERMAGEM \*

### RESUMO

*Apresenta-se a experiência de grupo de auto-ajuda desenvolvida com alunos da disciplina de Fundamentos de Enfermagem no seu primeiro contato com o hospital e na aprendizagem de procedimentos básicos de enfermagem. Esta experiência de ensino-aprendizagem foi tomada como elemento motivador para explorar as percepções e sentimentos dos alunos frente à nova situação. O relacionamento do grupo de auto-ajuda centrou-se na pessoa do aprendiz com o objetivo de promover sua adaptação aos novos papéis que está assumindo. De acordo com a análise, o professor aplicando no estágio, essa experiência com os alunos encontrará uma forma de ajuda interpessoal, favorecendo o crescimento coletivo do grupo.*

### ABSTRACT

*This paper introduces an experience with a self help developed with students in a basic nursing course at the beginning of their hospital practice. This teaching experience is the motivation element to explore the perceptions and feelings of the students in a new situation. The relationship of the help group was centered on the person that is learning, and had the objective to promote his adaptation to his new function. In his analysis, the teacher puts into practice this experience with the students, finding a form for self help group collaboration with the growth collective group.*

\* Trabalho desenvolvido na disciplina de Concepções e Metodologia do Trabalho com Grupos do Mestrado em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará - UFC.

## REFLETINDO SOBRE O PROBLEMA

O relacionamento em grupo é uma experiência vivenciada por todos os povos, independente da classe social-econômica, cultura, sexo, etnia e raça. É sabido que, em determinadas áreas do planeta, o ser vivo - HOMEM, se isola por vontade própria ou por necessidade. Essa falta de relacionamento prejudica sobremaneira sua evolução histórica e cultural, causando-lhe um embotamento do raciocínio definido por COPI (1981:21), como "um gênero especial de pensamento no qual se realizam inferências ou se derivam conclusões a partir de premissas".

ELIAS (1994:27, 37), cita: "somente na relação com outros seres humanos é que a criatura impulsiva e desamparada que vem ao mundo se transforma na pessoa psicologicamente desenvolvida que tem o caráter de um indivíduo e merece o nome de ser humano adulto". E ainda (...) "o homem é numa medida especial um ser social dependente da companhia de outras pessoas".

Considera-se um problema no relacionamento grupal entre alunos, a falta de cooperação e ajuda mútua que deve existir entre os membros de um mesmo grupo (não que isso ocorra com freqüência). Optou-se, portanto, por desenvolver esse trabalho com os alunos de Fundamentos de Enfermagem, dado o caráter peculiar da disciplina. As ansiedades, expectativas, receios ou até o medo, são evidenciados pela expressão ou mesmo linguagem falada, porém por alguns instrutores de estágio, pouco considerados. Isso traduz à luz, a desistência do curso com transferência (embora não tão freqüente) para outros cursos afins. As expressões dos alunos quanto à expectativa do primeiro momento são reveladoras e não podem ser deixadas de lado pelo professor que acompanha esse tipo peculiar de grupo de estágio.

A necessidade de se aplicar esse estudo com alunos da disciplina Fundamentos de Enfermagem surgiu por se inferir que sendo essa a primeira disciplina prática do profissional, ou seja, a que expõe o aluno em campo de estágio, vivenciando uma relação aluno-paciente nova em sua vida, muitas expectativas surgem. Suas emoções acham-se afetadas, sua ansiedade oriunda do primeiro momento, mexe

no mais íntimo do seu ser. Nessa ocasião, ele se questiona como profissional futuro, questiona sua habilidade para vir a ter competência como enfermeiro. Em suma, questiona se terá condições de, num futuro próximo, ser um bom e qualificado profissional.

SOUSA & SANTOS (1989:7) relatam: "É na disciplina Fundamentos de Enfermagem que os alunos têm seu primeiro contato com o cliente, com o hospital e com a assistência de enfermagem, o que gera tensões e temores, caracterizando alunos dependentes e inseguros, que se acredita, necessitem de maior assistência ao nível afetivo".

Segundo CARVALHO & CASTRO (1985: 78-80), a enfermagem fundamental representa as "bases sobre as quais se assenta toda prática de enfermagem", que constituem essa prática, "são prestados por todos os exercentes de enfermagem, a pessoas e a grupos em qualquer estágio de seu ciclo vital e em qualquer continuum saúde-enfermidade".

É prática comum no ensino de enfermagem, o professor acompanhar por determinado período de tempo, um grupo de alunos que almejam os mesmos objetivos e que interagem relacionalmente para um propósito final - a práxis. Concorde-se com SOUSA & SANTOS (1989) quando diz que é nessa disciplina que o aluno recebe as primeiras influências profissionais. Procurar perceber como o aluno reage no seu primeiro e subseqüentes dias de estágio é uma preocupação do professor de fundamentos, no que se refere ao ensino de procedimentos básicos de enfermagem, mas pouco se questiona quanto à preocupação do "EU" de cada aluno, naquele momento. Momento de dúvidas e incertezas, que se tornariam mais fáceis de serem vencidas se houver apoio e compreensão do professor instrutor e dos colegas de estágio. Quando SAINT-ARNAUD (1984) trata de relação heurística, entendendo-se nessa relação como a necessidade de compreender o outro. Há uma integração do ritmo do aluno com o do professor originando o neologismo, em lugar do "educar-se" surge o "educando-se".

DAVIS (1979:5) menciona: "a postura acadêmica do professor não está garantindo maior mobilidade à agilidade do aluno (tendo ele a idade que tiver). Assim, é preciso trabalhar o aluno como uma pessoa inteira, com sua

afetividade, suas percepções, sua expressão, seus sentidos, sua crítica, sua criatividade..." Observar como o grupo relacionalmente se comporta, frente a uma experiência nova de vida, sabendo-se que cada pessoa é um ser único, com uma variedade de comportamentos, é função do professor. Não esquecendo que cada fato social é único, singular.

### **COMPREENDENDO O GRUPO DE AUTO-AJUDA**

As bases para aplicação dessa experiência de grupo de auto-ajuda com alunos de Fundamentos de Enfermagem fundamentam-se na proposta de Grupos de Encontro de ROGERS, extraída suas vivências em relações humanas e nesse sentido trabalhadas.

ROGERS (1970:172) coloca: "Percebe-se que uma das implicações mais importantes dos grupos de encontro é a de ajudar o indivíduo a adaptar-se à mudança. Raras pessoas parecem compreender que uma das questões mais essenciais para o homem de hoje e do futuro é a rapidez com que o organismo humano se pode adaptar à inconcebível velocidade de mudanças provocadas pela tecnologia". O autor, ao relatar sua experiência com grupos de encontro, chama o líder de facilitador, no caso em questão, o professor da disciplina, chamado em grupo de estágio de instrutor. De que forma o facilitador interfere na condução do grupo? Responsabilizando-o no descobrimento da mútua ajuda. Necessário se faz, porém, precisarmos aprender a ouvir e perceber o outro de forma compreensiva.

ROGERS (1970) constituiu seus grupos de várias formas: ele trabalhou os grupos de estranhos, grupos de membros diretos de uma organização, grupos de casais, grupo de família. Esses grupos intensivos funcionam em situações diversas e têm sido feitos nas indústrias, universidades, instituições religiosas, nas agências governamentais, instituições educacionais e penitenciárias. Há diferenças no que tange ao tempo. A maior parte dos grupos encontra-se intensamente durante um fim de semana, uma semana ou várias semanas. São experimentados entre outros, a força das mudanças em atitudes e comportamentos que podem ser conseguidos num grupo.

CARVALHO & CASTRO (1985:79) aponta que a "missão de ajudar as pessoas a aprender ajudar-se" fundamenta a prática na busca do conhecimento.

O paradigma desse estudo foi o aluno do curso de enfermagem e sua ação desenvolvida através de devolução de técnicas na realização dos procedimentos básicos de enfermagem, atentando para o atendimento das necessidades humanas básicas afetadas, baseada na Teoria de Enfermagem criada a partir da Teoria da Motivação Humana de MASLOW (1970).

A razão que também originou esse estudo foi a necessidade de conduzir o grupo de forma amadurecida e responsável, colocando o aluno como elemento importante no processo do trabalho, tendo por base, o relacionamento grupal. De forma que o aluno se sinta responsável pelo seu trabalho e divida essa responsabilidade com o restante do grupo. A teoria fenomenológica onde o homem se situa com suas preocupações e angústias em intersubjetividade com seus semelhantes colocados por MINAYO (1993) respalda também esse estudo.

Relata SAINT-ARNAUD (1984: 69): "não se pode compreender verdadeiramente a pessoa humana sem concebê-la como um ser de relação" e "sem compreender o conjunto de suas relações interpessoais". O que nos faz acreditar na importância desse estudo.

Objetivamente se pretende nessa experiência, a integração e interação grupal, ajudando o aluno a adaptar-se a mudanças, favorecendo aos elementos no processo de grupo, encontrar caminhos para a relação com os outros membros do grupo e consigo próprio, ocorrendo reciprocidade nessa inter-relação. Tenciona-se ainda, identificar os sentimentos e preocupações dos alunos de Fundamentos de Enfermagem frente à primeira experiência de prática hospitalar e vivenciar um grupo de auto-ajuda para trabalhar esses sentimentos e preocupações do aluno aplicando a Teoria da Adaptação.

### **APOIANDO-SE NA TEORIA DA ADAPTAÇÃO**

O Modelo de Adaptação de Roy promove reações adaptativas em situações de saúde e

de doença em que trata da saúde num modelo atual citado por GALBREATH (1993: 213) como "um estado e um processo de ser e vir-a-ser uma pessoa integrada total". A integridade da pessoa é expressa como a habilidade de alcançar as metas de sobrevivência, crescimento, reprodução e proficiência. "Os estímulos que partem da pessoa e aqueles que se originam do mundo em torno de si representam o elemento do ambiente". O ambiente é definido como "todas as condições, circunstâncias e influências que cercam e afetam o desenvolvimento e o comportamento de pessoas e de grupos". Evidencia-se portanto uma real identidade com o problema vivenciado pelos alunos e a necessidade de adaptação, onde se buscou a colaboração no desenvolvimento de experiências de ensino-aprendizagem entre os alunos, abordando-se um caráter instrumental (fazer por, fazer com) para abrir espaço para o papel expressivo (estar com, vivenciar com, sentir junto).

GALBREATH (1993:207) coloca que "nesse mundo de mudança, as pessoas precisam manter sua própria integridade; isto é, cada pessoa adapta-se continuamente. Daí a pessoa ser entendida como um sistema adaptativo holístico", entendendo-se também que a adaptação acompanha o ser em todo os seus novos momentos de vida.

O trabalho com o grupo de auto-ajuda (pessoa) e a experiência de ensino-aprendizagem sendo compartilhada entre os alunos, insere-se como elemento facilitador, constando como um instrumento para a adaptação subsidiando o enfrentamento à situação-problema vivida pelo aluno. O indivíduo interage constantemente com os estímulos internos e externos estudados na Teoria da Adaptação e que estão presentes nesse grupo, uma vez que no desenvolvimento do trabalho assistencial a meta da enfermagem é constituída pela promoção de reações adaptativas, em situações de saúde e doença. Nessa questão, o aluno trabalha o processo e é trabalhado. Ele recebe esses estímulos classificados pela autora em questão, como: focais, contextuais e residuais. Nos estímulos focais situa-se o aspecto das mudanças do primeiro momento junto ao paciente e no ambiente hospitalar. É nessa nova situação de enfrentamento trabalhando lado a lado, aluno e

professor, que este último assume o papel de avaliador dos procedimentos realizados em campo. Os estímulos contextuais classificados como internos e externos são relatados nas reuniões do grupo de encontro quando subjetivos, mas que por vezes são observáveis. Quanto aos estímulos residuais, por não terem característica subjetiva, são colocados e discutidos quando o aluno sentir necessidade de expor ao grupo, sem que essa colocação ocorra de forma impositiva. Esses três estímulos discutidos dizem respeito ao aluno que passa por adaptações podendo afetar sua saúde biológica, mental e social.

O Modelo de Diagnóstico de Enfermagem dentro do processo oferece a oportunidade de se trabalhar o Modo do Autoconceito e o Modo da Função de Papel quando se realiza na proposta da autora, a avaliação comportamental do primeiro nível e os comportamentos ineficientes ou adaptativos do segundo nível. O grupo se comporta frente a uma experiência nova em sua vida, com mais maturidade e com a ansiedade diminuída, à medida que se ajudam mutuamente. Mas o aspecto individual e pessoal é preservado, salvo se a pessoa tiver nos encontros necessidade de partilhar suas emoções. Partindo-se do pressuposto que cada pessoa é um ser único, com comportamentos variados e apoiando-se na Teoria Gestáltica, configura-se um relacionamento de ajuda respeitoso.

## CONSTRUINDO A METODOLOGIA

Trabalhou-se com um grupo de alunos da disciplina Fundamentos de Enfermagem, do 4º semestre da Universidade de Fortaleza - UNIFOR, no período em que estavam no estágio prático no Hospital das Clínicas de 05 de abril a 10 de maio de 1995.

A relação professor-aluno em campo era de 1:9, com uma carga horária de 60 horas teóricas e 120 horas práticas de estágio supervisionado passando por dois hospitais. O grupo era composto por sete alunos do sexo feminino e dois do sexo masculino. Destes, oito eram solteiros e uma casada. Dentre elas, uma já tinha conhecimento de enfermagem por trabalhar como auxiliar de enfermagem há sete anos. Conforme classificação proposta por

MINICUCCI (1991) o grupo é do tipo fechado e transitório. Essa transitoriedade não implica em parada de crescimento do grupo, mas um passo para seu ajuste profissional uma vez que as mudanças e acréscimo de elementos do grupo são fatores de maior envolvimento e conhecimento.

No primeiro contato com o grupo, o professor informou o que pretendia, questionando quem dos alunos se oporia a participar e explicou a finalidade do trabalho, informando o que traria de favorável ao final do período de estágio. Após breve explanação do que seria realizado ao final de cada dia, num encontro de aproximadamente 30 minutos, os alunos foram unânimes em concordar com a proposta para o encontro grupal. No contato seguinte, na tentativa de conhecer melhor o grupo e com a intenção de que seus participantes descobrissem entre si com quem gostariam de trabalhar e por quê, questionando-se a expectativa de cada um frente a essa nova experiência de vida profissional, investigou-se o nível de relacionamento, onde se trabalhou o lado de conhecimento do outro, utilizando instrumento que estuda as estruturas sociais recomendado por MORENO (1994), em que se aplica o sociométrico na tentativa da descoberta do conhecimento do outro, através da representação pelo papel social.

O ambiente dos encontros não favoreceu ao trabalho devido a falta de uma sala de estudo para que as reuniões se processassem, o que não é excepcionalidade, mas que também não é fator impeditivo. Nesses encontros, que se deram num total de nove, ocorridos a cada dia após o término das atividades diárias ou no início destas, os alunos deram depoimentos pessoais, fizeram questionamentos e tentaram respondê-los, numa autêntica e real troca de experiência, vivida e discutida em grupo. A partir de então, se começou a ouvir os componentes do grupo durante os encontros, momento em que cada um manifestava os sentimentos e emoções espontaneamente.

Relacionado à outra experiência, o trabalho desenvolvido com os alunos foge um pouco à regra do acompanhamento dessa peculiaridade do estágio (a primeira oportunidade que tem o aluno de trabalhar com o paciente) uma vez que o aluno foi conduzido pelo professor responsabilizando-o pelo seu aprendizado e pelo

do colega. De que forma aconteceu? O professor realiza o primeiro procedimento de cada prática assistencial à medida que for surgindo oportunidade a um número menor de alunos (ressalta-se que nossa média de alunos em campo de estágio é de dez). Um desses, por sua vez, devolve a técnica aprendida, ensinando o que aprendeu sob observação do professor. Em suma, ele é um repassador da informação, de forma que todos são responsáveis pelo seu aprendizado e pelo do outro. Esse papel ativo do aluno é também uma busca à ajuda grupal que todos os alunos podem desempenhar junto a essa nova experiência. Trabalhou-se dessa forma, conjuntamente o relacionamento de auto-ajuda e a ajuda grupal para o conhecimento da prática de enfermagem. O aluno assim conduzido sente-se importante, por ensinar aos colegas o que aprendeu, além de funcionar esse repasse de informação como esforço do aprendizado. O fato de o aluno não ter ainda muita habilidade e destreza técnica não invalida a sua função como elemento multiplicador do conhecimento recebido, mesmo porque o professor acompanha todos os procedimentos realizados por ele.

## O "EU" DO GRUPO

A seguir serão citados depoimentos do grupo, ressaltando-se que foram selecionadas as falas mais significativas, obedecendo uma seqüência mediante o primeiro momento, momento intermediário e momento final, no estilo de entrevista não-estruturada.

1º momento:

- "Não dormi direito na noite que antecedeu o primeiro dia de estágio. A expectativa era grande." (...)
- "Preocupa-me saber que os pacientes seriam cobaias. Eu não gostaria de ser."
- "Estou muito ansiosa." (...)
- "Estou morrendo de medo. Fazer enfermagem é uma conquista."

2º momento:

- "Não gosto de trabalhar com a colega 'x', porque ela me deixa nervosa." (...)
- "Senti resistência por parte da colega quando estávamos trabalhando conjuntamente."
- "Magoei-me com duas colegas do

grupo por terem feito comentários sobre minha forma de proceder em campo de estágio.”

3º momento:

- “O grupo de encontro ajudou ao ponto de nos tornarmos mais unidos. Combinamos de ficar juntos nos estágios subseqüentes.”

- “Não ficava sempre aquela coisa mecânica. Fazia o procedimento e se reunia para tirar as dúvidas”. (...)

- “Um ajudava o outro. Só perguntava ao professor depois de conversar com o colega.”

- “A falta de confiança do aluno é superada pelo grupo de encontro. Ajuda nesse sentido.”

### ADAPTAR-SE EM GRUPO

Desde o primeiro encontro, os alunos se identificaram, facilitando dessa forma o relacionamento no grupo. A partir daí, passam a desenvolver um sentimento quase de cobrança a si próprio para ajudar o outro, mas algumas vezes o faziam de forma autoritária e pouco compreensiva. Essa forma de proceder foi modificada à medida em que os colegas nos encontros grupais lançaram suas queixas e davam sugestões para um melhor entrosamento, sempre direcionado pelo facilitador.

A capacidade de mecanismo de enfrentamento aumenta a adaptação do indivíduo e o alcance dos estímulos aos quais podem ser respondidos positivamente estudado por Roy. E no sistema adaptativo, essa capacidade de enfrentamento foi sentida no aspecto biológico quando uma das alunas informou que na noite anterior ao estágio havia perdido o sono. No que tange ao aspecto psicossocial, houve um relato do aluno no 2º momento de não gostar de trabalhar com o colega. A sensibilidade da aluna que se sentiu magoada pelas colegas no momento intermediário dos encontros do grupo, era grande ao ponto de chorar perante o professor colocando sua situação.

Fato esperado aconteceu. A princípio, nos encontros de grupo, os alunos tendiam a falar de sua experiência naquele dia de trabalho, enquanto situação de ensino-aprendizagem. O facilitador retomando o grupo, dirigia, controlava e orientava as digressões conduzindo o assunto para o objetivo principal, a compreensão do eu

e a vivência dos componentes do grupo enquanto pessoa. Não se observou rejeição no grupo, mas preferências de pessoas para trabalhar “ombro-a-ombro”. Apesar de uma aluna ter declarado no encontro, que não gostava de trabalhar com a colega porque esta lhe deixava nervosa, não se tratava de rejeição.

Em outro encontro, uma aluna que estava trabalhando com o colega declarou que encontrou resistência por parte dele, uma vez que quando se aproximava para ajudá-lo ele dava a entender que não precisava de ajuda. Este entretanto, declarou ter gostado de trabalhar com ela.

Nos encontros, as dúvidas foram dissipadas por terem os alunos oportunidade de se relacionar com transparência. Os alunos se colocaram por vezes receosos, algumas vezes agressivos - evidenciando seu estado emocional, o que é um comportamento esperado e natural. Com o conceito de relacionamento, a psicologia gestáltica do comportamento foi aplicada durante os encontros de grupo, porque concomitante às vivências grupais de ajuda, observou-se ainda sem maiores aprofundamentos, o que a linguagem não falada transmitia.

A psicologia gestaltista baseia-se numa perspectiva terapêutica, onde um terapeuta experiente se centra num indivíduo de cada vez, mas de um ponto de vista diagnóstico e terapêutico. Esse conhecimento também foi explorado e os alunos à medida se ajudavam e se colocavam dispostos a ajudar uns aos outros, também se tornavam verdadeiros e até corrigiam os defeitos do colega, referente à técnica de realização dos procedimentos e conduta profissional, numa autêntica ajuda mútua. Ocasionalmente, percebeu-se que os participantes do grupo dividiam suas emoções sinceras, inclusive as consideradas inaceitáveis.

Ressalta-se também, o retorno de um dos alunos para o campo de estágio onde foi aplicada a experiência, alegando solicitação pela colega para a troca de campo, acrescida da vontade de retornar por ter gostado do estágio.

O relacionamento professor/aluno/familiares, dentro de suas peculiaridades, necessita ser observado, tendo por alicerce, essa compreensão de relacionamento grupal, o que de certa forma facilitará encontrar formas imaginativas para ajudar as pessoas a se

conduzirem de forma mais realista na situação de regresso à vida normal, quando por alguma razão afetada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se colocam emoções no que faz, conjuntamente com o componente mental e físico, o produto final do trabalho alcança melhores resultados. Aprendizagem é fundamentalmente mudança de comportamento, e nessa experiência vivenciada com o grupo de alunos do 4º semestre do Curso de Enfermagem não foi uma a mais. Foi a mais completa, porque não foi trabalhada somente a aplicação dos conhecimentos adquiridos em sala de aula, mas explorado também o lado afetivo, o que favoreceu o desenvolvimento da ajuda mútua e conseqüentemente o bom relacionamento grupal.

Partindo dessa experiência inicial com o grupo de alunos que realizavam atividades de Enfermagem junto ao paciente, nesse processo de relacionamento de auto-ajuda, outras experiências podem ser trabalhadas, aplicando o relacionamento grupal com alunos que, através do seu objeto de trabalho - a Assistência de Enfermagem, muito tem o que contribuir. Essa forma de trabalhar com o grupo de alunos favorece a auto-ajuda, a ajuda interpessoal e o crescimento do grupo, por se conseguir identificar os sentimentos e preocupações dos alunos.

ELIAS (1994:27) descrevendo relações grupais, relata: (...) "no estágio atual do desenvolvimento dos hábitos mentais, não apenas individualidade e a inter-relação social das pessoas não são antitéticas como também a moldagem e a diferenciação especiais das funções mentais a que nos referimos como "individualidade" só são possíveis para a pessoa que cresce num grupo ou numa sociedade".

Tendo-se por base o Modelo de Adaptação de Roy, escolheu-se essa teoria por adaptar-se melhor a este estudo, por se entender que o grupo tem necessidade de adaptar-se. E, aplicando-o, obteve-se uma resposta positiva na interação e integração grupal. Teorias interativas relacionadas à união entre o docente, o enfermeiro assistencial, o usuário, o auxiliar de enfermagem e o aprendiz

são fortes indícios de uma melhor resposta de trabalho. O fato em questão não se esgota em si mesmo e aponta para todo o complexo de significações sociais.

Esse empenho em ajudar o indivíduo a adaptar-se à mudança, estudada por Roy na Teoria da Adaptação, vai emanar do facilitador a necessidade e prestatividade para ajudar o grupo. Infere-se também com a segunda experiência, onde o aluno trabalhado como repassador de informações recebidas pelo professor em campo de estágio, sente-se valorizado, interessando-se mais pelo estágio e enriquecendo sua vida profissional. Essa é uma experiência de ensino-aprendizagem compartilhada entre alunos, que facilita o processo de adaptação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, V. de & CASTRO, I. B. Marco conceitual para o ensino e a pesquisa de enfermagem fundamental: um ponto de vista. **Rev. Bras. Enf.**, Brasília, 38(1): 76-86, Jan./Mar., 1985.
- COPI, Irving M. **Introdução à lógica**. Mestre Jou, 3. ed., São Paulo, 1981.
- DAVIS, Flora. A comunicação não verbal cal., **Novas Buscas em Educação**. Vol. 5, São Paulo, 1979, 196 p.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- GALBREATH, J. G., ROY, Sister Callista In: GEORGE, J. B., Teorias de enfermagem: os fundamentos para a prática profissional. **Artes Médicas**, Porto Alegre, 1993, cap. 15, p. 206-226.
- MASLOW, Abrahm H. **Motivation and personality**, 2. ed. New York, Harper & Row Publishers, 1970.
- MINAYO, Maria C. S. **O desafio do conhecimento**, São Paulo, 2. ed. ABRASCO/HUCITEC, 1993.
- MINICUCCI, Agostinho. **Dinâmica de grupo: teorias e problemas**. Atlas, São Paulo, 1991.
- MORENO, Jacob Levy. **Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria**,

psicoterapia de grupo e sociodrama. Vol. II. Dimensão Editora, Goiânia, 1994.

ROGERS, Carl R. **Grupos de encontro**. Martins Fontes, São Paulo, 1970.

SAINT-ARNAUD, Y. **A pessoa humana**. 2. ed.

São Paulo: Loyola, 1984. 153 p.

SOUSA, R. M. C. de, SANTOS, V. L. C. G. **Reflexões sobre o ensino de fundamentos de enfermagem**. São Paulo. Atheneu, 1989, 132p.

Análise da literatura que se refere à voz e à comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal. Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal.

**APREIÇOAMENTO VOCAL**  
**COMO INSTRUMENTO DE**  
**PREVENÇÃO DOS DISTÚRBIOS**

Um dos eixos de atuação da fonoaudiologia é a prevenção dos distúrbios de comunicação verbal. Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal. Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal. Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal. Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal. Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal. Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal. Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal. Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal. Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal. Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal.

**DA VOZ**

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal. Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal. Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal. Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal. Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal. Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal. Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal. Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal. Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal. Este trabalho tem como objetivo principal analisar a voz e a comunicação verbal em sujeitos com distúrbios de comunicação verbal.